

A falta que faz a reforma política ao Brasil

O julgamento da fidelidade partidária no Supremo Tribunal Federal revela que o País realmente precisa de uma reforma política de verdade, que venha a colocar um pouco mais de racionalidade no sempre complicado jogo do Poder. Antes de mais nada, a verdade é que até hoje a classe política não foi capaz de corrigir alguns equívocos graves do famoso Pacote de Abril de 1977, que acabou provocando uma distorção na representação existente na Câmara dos Deputados. Hoje, o sistema vigente não permite que se cumpra a máxima da democracia — “cada cabeça, um voto” — e os eleitores do Norte e Nordeste acabam valendo mais dos que os do Sule e do Sudeste.

Ademais, a legislação eleitoral é muito permissiva e dá margem a esquemas ilegais ou apenas imorais de financiamento de campanhas. No fundo, esses esquemas representam a origem de boa parte da corrupção existente no país, uma vez que a relação promíscua entre financiadores e financiados abre espaço para que de alguma forma os últimos retribuam a “ajuda” no exercício dos cargos para os quais conseguem se eleger.

De 1989, quando o País voltou a ser uma democracia de verdade, elegendo pelo voto direto o presidente da República após quase 30 anos, para cá, a democracia brasileira teve muitos avanços e amadureceu. A urna eletrônica, por exemplo, representa uma contribuição original da capacidade dos brasileiros de simplificar o sistema de votação, com um alto grau de confiabilidade. O que ainda falta é simples: financiamento público e/ou regras mais rígidas para financiamento privado; correção das distorções de representação, o que pode ser obtido pelo voto distrital ou distrital misto ou ainda em listas; e, é, claro, regras mais rígidas para fidelidade partidária. Com tais mudanças, o sistema político brasileiro ficará mais saudável e a população terá mais controle sobre os seus representantes. Em um ambiente assim, dá para imaginar até mesmo o fim do limite de reeleição: afinal, se o governante vai bem, por que não reconduzi-lo mais de uma vez?

LUIZ ANTONIO MAGALHÃES



CARLOS MESSA

O autor é psicólogo e vice-presidente da Ação Ciência e Saúde Social (www.psic.com.br)

A felicidade inicia no berço

(na verdade antes: no útero)

Não só a felicidade é construída na gestação e primeira infância, mas também a inteligência, a auto-estima, o equilíbrio emocional e talvez pudéssemos, com alguma ousadia, dizer que o sucesso também.

É simples: as vivências intra-uterinas e da primeira infância constroem o alicerce sobre o qual o restante da formação se apóia. Não é mágica, os órgãos do sentido se formam e as informações que eles recebem estimulam o processamento lógico (primeiro sentir e depois pensar). Desenvolvemos em seguida um vínculo não físico e significativo com um adulto (mãe) que será nosso primeiro modelo “de relação”. Vamos nos relacionar com os demais componentes do ambiente externo a nós, conforme aprendemos e internalizamos como um modelo.

Nossos avós diziam que “é de pequenino que se torce o pepino” e só agora é que podemos afirmar que eles tinham razão. Os estudos sobre o desenvolvimento humano se expandiram na segunda metade do século XX e nas últimas décadas pudemos “ver” o cérebro funcionando, o que facilitou alguns entendimentos e nos permitiu aceitar que, em alguns aspectos, somos como um patinho que foi chocado por uma galinha e a tratará como mãe, queiramos ou não. Da mesma forma, saindo de uma anestesia ou após um trauma craniano, podemos tentar nos comunicar em nos-

sa língua materna, mesmo que vivamos sob um segundo idioma.

Defato, com a pessoa significativa a quem nos vinculamos, aprendemos a nos relacionar com o mundo externo a nós, o que equivale a dizer que se aprendemos a nos relacionar bem e de forma saudável com o que é externo, continuaremos a fazer isso nas nossas próximas interações, e nas outras e mais outras, construindo-nos positivamente até a maturidade. Uma relação positiva com o externo nos fará mais felizes certamente, assim como viveremos mais abertos e aprendendo sempre (requisito da inteligência), nos sentiremos bem e gostaremos da nossa forma de ser e seremos equilibrados emocionalmente.

Se é assim tão simples, por que ainda jovens da classe média incendeiam indigentes nas ruas; por que contratam o assassino dos pais ou avós? Porque criamos os filhos, no século XXI (quando o ambiente foi substancialmente modificado), com a mesma visão que os pais tinham no século passado. Não nos ocupamos com o desenvolvimento humano e por isso não sabemos como fazê-lo. Nos preocupamos com o quarto do bebê, a maternidade, uma “boa” escola, mas não tomamos os cuidados necessários no período fundamental — gestação e primeira infância — para que seja construído um bom alicerce para o desenvolvimento.

Cartas

Toda Moda

JULIANA CRUZ -

«Achei muito interessante as sugestões apresentadas na última semana, no *Toda Moda*. Não conhecia o jornal e me surpreendi pela qualidade na apresentação do visual e conteúdo. Gostei muito da reportagem da Milla Mathias, além da bela história da estilista Simone Nunes. Posso afirmar que comecei a acompanhar a edição, tendo em vista que agora sei, que posso retirar na Galeria dos Pães, nos Jardins.»

VANESSA CASTRO -

«O tema apresentado na última semana, na sessão de moda foi certeiro. Salto alto é a vedete de qualquer closet feminino, e certamente está inserido no cotidiano da mulher. Acompanhei o trabalho do Fernando Pires, e só acho que poderiam ter apresentado alguns dos fascinantes modelos criados por ele. Mesmo assim, estão de parabéns. Aproveito para sugerir uma matéria sobre a moda para as gordinhas, pois parece que o mundo da moda só possui olhos para as siliconadas e mulheres magras.»

Decoração

JAQUELINE CHAGAS -

«Fiquei feliz em ver a bela matéria com a Kátia Jannini, principalmente enaltecendo a capa do *Shopping News*. Acompanhei algumas passagens dela no programa Note e Anote, e gostaria muito de vê-la novamente nos programas da tevê.»

Cultura

CARLOS RIBEIRO -

«Acompanho o *Shopping News*, todas as semanas, e posso dizer que não deixa nada a desejar para os demais. Vejo que a escolha dos temas é bem trabalhado, e ao contrário dos guias de lazer, sugerem o que de melhor a cidade oferece. Gosto muito das sugestões apresentadas no roteiro cultural, como os bons shows de veteranos e novos nomes da música, além das dicas de teatro, cinema e gastronomia sinalizadas pela equipe do jornal.»

Críticas, dicas e sugestões podem ser enviadas para o e-mail: shoppingnews@dci.com.br

Shopping News

PANORAMA DIÁRIO
COMERCIAL E
PUBLICIDADE LTDA.

Conselho Diretor
ANTONIO CARLOS RIOS CORRAL
MARCO ANTONIO BIASI
NOBUO YAMAMOTO
GETULIO BITTENCOURT [Jornalista Responsável]

Diretoria

Diretor Superintendente
ANTONIO CARLOS RIOS CORRAL

Redação

Diretor de Redação
GETULIO BITTENCOURT
Editora Chefe
MÁRCIA RAPOSO
Secretário de Redação
YVES LÉON WINANDY

Editores

DAVI BRANDÃO (TEXTO),
WAGNER GUELLER (ARTE)
Subeditores
ARMANDO JUNIOR (ARTE)

Departamento Comercial

Diretor Comercial
ROBERTO LOBERTO | rloberto@dci.com.br

Publicidade

Para anunciar: (11) 5095-5300/5301
de 2ª a 6ª, das 8 às 19 horas.
e-mail: publicidade@dci.com.br

Atendimento ao Assinante (SAA)

Diretor de Mercado Leitor
NIDO MEIRELES | nidomeireles@dci.com.br

Central de Atendimento ao Leitor

Dúvidas, Sugestões ou reclamações:
São Paulo e Grande SP.: (11) 5094 5200
Demais Localidades: 0800 77 03 324
e-mail: atendimento@dci.com.br
Horário: de segunda a sexta-feira, das

8:00 às 18:00 horas

Redação

Telefone (11) 5095-5200
Fax (11) 5095-5308
e-mail: shoppingnews@dci.com.br
R. Bacaetava, 191, 1º Andar, Brooklin,
São Paulo, SP CEP 04705-010
Telefone (11) 5095-5200

Impressão

Taiga | Gráfica e Editora Ltda.

«É vetada a reprodução parcial ou integral do conteúdo deste jornal, a não ser com a autorização expressa do Diretor de Redação»